Igrejas Sem Brilho

Por: Emilio Conde

Editora: CPAD

Revisado e Digitalizado por: **Dimas Silva**

Digitalizado exclusivamente para:

Índice

Prefácio

Na pequena ilha de Faros, no Egito, Ptolomeu Philadelfo mandou construir uma imponente e majestosa torre de alvíssimo mármore, com 35 metros de altura. No cimo do monumento foram instalados potentes faróis a projetar luz abundante a grande distância, para orientar os navegantes que por ali passassem.

Esse monumento, dada a sua grandeza e riqueza, passou a ser conhecido por Farol de Alexandria. De fato, para o tempo em que foi construído, era uma obra que só o arrojo poderia conceber e executar, e, por isso mesmo, foi considerada como uma das sete maravilhas do mundo de então.

Qualquer pessoa que vivesse naquela época, ao contemplar a solidez da construção do notável monumento, concluiria que estava diante duma obra de eterna duração. Entretanto, um terremoto, no ano de 1302, destruiu a maravilha que parecia desafiar a ação dos séculos. A catástrofe teve como resultado a extinção da luz do farol mais famoso da terra. Hoje ninguém mais o menciona, e apenas uns poucos lhe conhecem a história.

O fato aludido serve para demonstrar quão frágeis são as obras do homem, mesmo as consideradas indestrutíveis e maravilhosas; elas não suportam um movimento maior da natureza; ante a manifestação de um fenômeno, tudo se altera e deixa de brilhar. Assim aconteceu com o Farol de Alexandria, assim acontece e acontecerá a quantas obras o homem construir, ou onde intervier indevidamente.

A igreja apostólica, no primeiro século de nossa era, foi um monumento de luz e grandeza entre as nações. Aqueles que assistiram à organização e florescimento da igreja dos primeiros dias, certamente julgaram definitivamente vitorioso o movimento que se erguia e agigantava.

Em verdade, a Igreja de Cristo é um organismo que jamais será vencido. Entretanto, ela tem sido prejudicada e impedida de brilhar entre as nações, por causa da intervenção humana, que lhe modifica a estrutura e o funcionamento, substituindo as peças mestras, que Deus mesmo colocou, por outras que os homens imaginaram.

Como resultado, o que se observa nos dias presentes é a falta de vida e a ausência de brilho nas igrejas. Todos são unânimes em reconhecer que a igreja atual não é o grande e poderoso organismo que projetou seu fulgor até os confins da terra.

Todos os que possuem alguma parcela de responsabilidade na obra de Deus estão convictos de que a igreja de nossos dias não é o luzeiro dos dias apostólicos, e que algo está faltando para o seu perfeito funcionamento. A igreja possui o mesmo nome de cristã, mas não tem a mesma vida; entretanto, a vida é mais necessária que o nome.

O que se vê nas páginas deste livro é o contraste notável entre a igreja florescente dos dias apostólicos e as igrejas sem brilho dos dias presentes. Desse confronto, pode surgir o desejo de voltar a praticar os métodos usados na igreja primitiva, e, conseqüentemente, receber a mesma vida e o mesmo fulgor.

Uma palavra ao leitor

Atendendo a que o título deste livro: "Igrejas sem Brilho", *associa logo a idéia à pluralidade de igrejas, damos aqui uma palavra de esclarecimento: A Igreja de Cristo, composta de todos aqueles que foram salvos pela graça, é una, é indivisível. A Igreja de Cristo é um organismo perfeito e está edificada sobre a Rocha dos Séculos - Cristo. A Igreja reúne as multidões de salvos de todas as nações que formarão a esposa do Cordeiro. Ela, é claro, é a Igreja de todos os séculos, cujo fulgor aumenta como a luz da aurora até alcançar o brilho mais claro que o sol do meio-dia. Essa não é a igreja sem luz e sem brilho de que falamos, nos vários capítulos deste livro, pois à Igreja jamais faltou o fulgor da graça. O termo* igreja, *que empregamos aqui, corresponde ao que comumente conhecemos por igreja local, congregação, comunidade, enfim, ao ajuntamento de pessoas que são membros da igreja, no lugar em que vivem.*

Considerando que os leitores estão esclarecidos quanto d significação do termo "igreja", podemos então fazer uso dessa palavra para indicar a igreja local, ou comunidade (inicial minúscula).

Se o assunto do livro tratasse da origem, função, missão histórica e dos múltiplos aspectos da Igreja, então a definição seria mais ampla, pois a Igreja de Cristo entra por horizontes insondáveis para o conhecimento humano. Porém, tratando-se de um tema que é comum a todos os cristãos, é apresentado sem particularizar esta ou aquela igreja, este ou aquele ramo do cristianismo, este ou aquele povo.

Os conceitos aqui emitidos aplicam-se com justeza d igreja, d comunidade e ao indivíduo. Em alguns capítulos desta obra, o leitor encontrará certos comentários um tanto acres à teologia, e, por vezes, da sabedoria humana, ambas mal aplicadas na igreja.

Isso não quer dizer que sejamos inimigos sistemáticos dessas ciências. Pelo contrário, favorecemos quanto estiver em nós a educação religiosa ou secular. A educação é necessária à vida e ao progresso do homem, desde que haja equilíbrio na aplicação.

O que temos em vista, ao comentar a matéria, é combater o abuso e a inversão que se faz nesse sentido. Na igreja, a grande autoridade é o Espírito Santo, porém quando os teólogos e os sábios nela se instalam, o Espírito nada mais tem a fazer, porque os "poderosos" e os "infalíveis" começaram a mandar, a impor, a ditar medidas e a dar ordens. O que sucede, então, é o afastamento das forças espirituais e o florescimento de mais um sistema religioso, frio como tantos outros.

A prova das nossas afirmações é o testemunho da história. Jamais a teologia ou o intelectualismo contribuíram para qualquer despertamento ou avivamento espiritual, mas têm contribuído para o arrefecimento de quase todos os movimentos. Temos observado que os despertamentos surgem espontaneamente, quando as comunidades se entregam à oração. Desenvolvem-se maravilhosamente, sem a intervenção de auxílio humano. Porém, após alguns anos, quando os "grandes" começam a introduzir inovações ou interpretações a seu modo, os despertamentos desaparecem: fica somente o formalismo.

Ê contra a imposição e a ditadura da falsa ciência e da mal-aplicada teologia na igreja que nos insurgimos. A sabedoria e a teologia podem existir e ser úteis desde que não passem dos limites traçados pelo bom senso. Na igreja, a primazia e a direção suprema pertencem ao Espírito do Senhor. Usurpar esses poder es é ato ilegal e qualquer ciência que aja ilegalmente, em vez de ajudar, torna-se prejudicial. Combater ilegalidade e inversão de ordens, não é ser derrotista, é desejar cada coisa em seu lugar. É isso o que desejamos.

1
Brilho da igreja primitiva

Se confrontarmos os fatores que iluminavam e davam projeção à igreja primitiva com a mesma classificação de fatores de nossos dias, descobriremos a causa predominante do brilho inconfundível da igreja dos primeiros dias do cristianismo.

Na igreja primitiva, os cristãos eram cuidadosamente instruídos acerca do caminho, em contraste com o abandono em que vivem os neo-convertidos nas igrejas de nosso tempo.

Naqueles dias, os neófitos aprendiam como dar razão de sua fé; um príncipe ou um nobre não conhecia melhor a doutrina cristã do que o homem do povo ou o marítimo que se convertera numa de suas viagens em um porto qualquer. O conhecimento de uns era o conhecimento de todos.

Na igreja primitiva, a admissão como membro era mais difícil do que hoje: o candidato devia ser realmente convertido e tinha de demonstrar seu desejo de pertencer à igreja, através de uma série de fatos que faziam recuar os medrosos e todos os incapazes de fazerem brilhar a luz de Cristo. A admissão era precedida de exames que exigiam renúncia à vida passada: requeriam provas de que a nova vida era vivida no Espírito de Cristo. Enquanto o pretendente não estivesse desligado dos laços que o prendiam ao mundo e seus aliados, quer dizer, ao Diabo e à carne, não estava apto para o Reino: sua luz não honraria a igreja, não podia ser membro do corpo de Cristo.

Na igreja primitiva o batismo nas águas só era concedido àqueles que o mundo considerava "mortos" para si, por terem sido achados por Cristo, e iluminados pela graça; enquanto o candidato ao batismo estivesse "vivo" para os homens, não conseguiria descer às águas. O batismo era o testemunho público de renúncia e morte ao pecado e significava o desejo de viver em novidade de vida.

Qualquer que fosse batizado, conhecia o significado desse ato, pois antes de o realizar, passara pela experiência do novo nascimento; estava pronto a abdicar todas as vantagens, por amor a Cristo; estava disposto a brilhar por amor ao Evangelho.

Na igreja primitiva a admissão de obreiros não era obra de homens nem da vontade humana. O escolhido era apontado por Deus. Se alguém se apresentasse à igreja, a fim de ser eleito para algum cargo, certamente seria reprovado, senão houvesse provas de ter sido chamado pelo Espírito Santo (At 13.1).

Quando olhamos para o passado e deparamos com esse clarão inextinguível que foi o testemunho da Igreja de Cristo, sentimos desejo de clamar, clamar, clamar até conseguir despertar as igrejas de nossos dias e dizer-lhes que voltem a viver nos passos de Jesus, que voltem a buscar o brilho e o testemunho inconfundível de povo adquirido.

Entre outros motivos que congregavam os cristãos da igreja primitiva, um havia que exercia grande influência na vida da comunidade: eles reuniam-se com o fim de partirem o pão, na celebração da Ceia do Senhor. Era esse um ato de alta reverência e um motivo de amor fraternal que envolvia a esperança da volta de Cristo. Na celebração da Ceia, não faltava a exortação mútua, em que era mencionada a vinda de Jesus. A promessa dos anjos, quando Jesus subiu ao Céu, de que Ele voltaria para os seus, era tato recente: era um elo de esperança que unia todos os corações.

Uma igreja cujo alvo tenha uma definição e um motivo tão elevado como é o propósito de honrar a Deus, é uma igreja cujo brilho os inimigos não conseguem apagar, porque o testemunho da fé não se extingue com calúnias ou perseguições.

A igreja existiu e viveu nos dias distantes do primeiro século, porque a vida social de então reclamava esse organismo vivo, para manifestar sua gratidão a Deus e ao mesmo tempo receber o Pão do Céu; seus membros, como elementos vivos, requeriam ambiente fraterno no qual pudessem cultivar a comunhão uns com os outros e participar da mesma revelação divina.

A igreja era o lugar desejado pela alma sequiosa; ali podiam sentir com toda a intensidade a proclamação da revelação divina, e dos assuntos concernentes à salvação; ali a alma recebia o conforto e a inspiração das verdades eternas reveladas na Palavra de Deus.

Quem dava relevo e brilho à igreja não era a inteligência ou a cultura dos homens que Deus usava para anunciarem suas verdades; a capacidade intelectual desses homens era quase nula; suas palavras não tinham o verbo fascinante dos oradores gregos. O fulgor da igreja brotava das verdades recebidas de Deus e fielmente anunciadas aos homens, como sendo obra do Céu, e não trabalho humano. A única luz que brilhava na igreja era a luz do Espírito Santo, porque o combustível que ardia era tão-somente a revelação da graça a orientar todas as vontades.

Em nossos dias há maior número de igrejas do que nos dias dos apóstolos; há igrejas maiores, templos mais vistosos e mais amplos. Entretanto, a grande questão é saber se há, hoje, igrejas com o mesmo reflexo da verdade e da revelação de Deus, como havia então.

Já demonstramos qual era o brilho da igreja primitiva; a luz que lhe deu tanto fulgor é a mesma luz prometida à Igreja e aos cristãos de todas as idades. Se as igrejas e as comunidades cristãs de nossos dias vibrarem dos mesmos desejos e sentimentos que operavam na igreja e nos corações dos santos de então, é lógico que o mesmo clarão de fé despertará os homens do século vinte a aceitarem a salvação.

Se as igrejas, hoje, orarem com o mesmo fervor do Pentecoste, a mesma revelação que atraiu as multidões a ouvirem a mensagem do Evangelho, atrairá também os famintos espirituais que vagueiam sem rumo. .

Se a igreja e os cristãos do tempo presente aceitam o mesmo nome que distinguiu a igreja e os cristãos primitivos, é claro que estão na obrigação de crer nas mesmas verdades, observar os mesmos princípios e deixar que a mesma luz as ilumine e lhes dê vida.

O brilho da igreja primitiva pode e deve ser a luz das igrejas atuais.

2
O que Deus espera da Igreja

A Igreja de Cristo, através de seus membros, que compõem o corpo do Senhor, têm diante de si a responsabilidade de um papel relevante a desempenhar na sociedade e na história do mundo. Não há organismo na terra do qual Deus espere tanto, como da Igreja, porque também não existe entidade no mundo que tanto haja recebido de Deus.

O Senhor entregou, por empréstimo, à Igreja o capital mais elevado que se pode calcular. Esse capital representa os talentos: a fé, o testemunho e a graça. Do ponto de vista humano, esses valores estão além de qualquer cálculo, tão elevado é o seu preço. Esse capital está debitado à conta da igreja local e de seus membros, na base do grau de conhecimento e revelação da verdade que cada um recebeu.

A contabilidade infalível do Céu credita em conta corrente todos os movimentos feitos com o capital que Deus emprestou, anotando todos os débitos e todos os créditos, inclusive os juros. No dia do acerto de contas, aparecerão todas as transações. Que espera Deus de cada igreja? Espera que empregue de tal forma o capital que lhe foi entregue que, ao se fazer o acerto de contas, esse capital seja devolvido com juros elevados.

Os favores que Deus concedeu à igreja são de tal ordem, as promessas são tão reais e a proteção tão eficiente, que nem mesmo as portas do Inferno prevalecerão contra ela.

Não foi para rastejar na negligência que Cristo comissionou a igreja e os cristãos; uns e outros devem destacar-se como as montanhas cujos picos se erguem majestosos no conjunto da sinfonia da natureza, alheios à pequenez dos acidentes que tentam enfeiar e obscurecer o trabalho do Criador.

Na ordem moral e espiritual, Deus espera que a igreja seja um luzeiro de primeira grandeza no contexto da vida. A igreja deve absorver de tal modo a graça revelada, que, ao receber os raios do Sol da Justiça, nela resplandeça toda a beleza de um poente matizado de ouro, beijado pelo sol, no ocaso.

Deus espera que da igreja se desprendam as fragrâncias vivas do amor e da santidade, tal como das flores se esparze o odor nas asas da brisa.

A igreja deve ser um caudal de vibração e entusiasmo espiritual manifesto nas suas atividades evangelizadoras. Na igreja não deve faltar o fator altamente poderoso que impulsiona para o êxito todos os empreendimentos; não deve faltar esse fator poderoso que forma o quadro anônimo dos homens e mulheres de oração. Deus espera encontrar no crepúsculo sagrado do silêncio, onde tudo convida a subir para o Céu, os heróis que se consagraram à oração por todos os trabalhos da igreja, e cuja identidade e atividade permanecem em secreto, pois a missão de orar pelos obreiros, pelas almas e pela vitória da igreja é tão sublime, que não deve ser interrompida pelos movimentos comuns. Os intercessores são o exército que mantém acesa a chama da fé; alimentam, com as orações, o fogo do altar que não deve extinguir-se de dia nem de noite. Se faltar à igreja esse exército de intercessores, os inimigos prevalecerão e imporão derrotas.

Assim aconteceu com o povo de Israel: Enquanto os braços de Moisés eram sustentados no ar por Abraão e Hur, o povo avançava e derrotava os inimigos. Essa lição é muito sugestiva para a igreja, pois se os homens e mulheres exercerem o ministério da oração em secreto, Deus fará proezas e a igreja florescerá como a palmeira, e brilhará como o sol.

Essas e outras coisas Deus espera da igreja, mas que se façam num espírito voluntário, sem suspirar, sem tocar a trombeta para que todos o saibam, e sem esperar que o Senhor permita uma perseguição, para que todos se dediquem à oração.

Deus espera que a igreja cumpra suas finalidades dentro do espírito voluntário de amor: não deve ser como a pedra, que para dar uma lasca, para ser útil, tem de ser martelada, pois só assim se obtém dela algo de útil.

A igreja está no mundo para brilhar, para mostrar as virtudes de Cristo. Deus não espera que a igreja faça menos que brilhar por Cristo. A igreja deve ser como um favo de mel que, ao ser suspenso ou colocado num prato, voluntariamente, sem esforço algum, deixa correr o

precioso néctar para alegrar o coração e dar prazer ao paladar.

- Entretanto, estarão as igrejas ou os cristãos de nossos dias na medida de graça o nível de fé que Deus espera que haja cada um? Se há responsabilidade, há também uma resposta. - Que responderemos?

3
Assim será o seu brilho

A vida, a influência, o testemunho e o brilho da igreja serão poderosos ou frágeis, de acordo com as doutrinas que ela ensina e vive, tanto nas suas relações externas como na vida íntima com seus membros.

A igreja que não estiver apoiada numa força superior à força de organizações, planos, programas, sabedoria e dinheiro, será uma igreja frágil aos olhos de Deus; esses poderes que enumeramos, apenas dão brilho superficial e, quando entram a funcionar, mencionam seus próprios problemas, em lugar de colocarem em primeiro plano a salvação dos pecadores. Igrejas há muitas; porém as igrejas que falam mais de Cristo do que de si próprias, não são muito numerosas.

Quando acontece a igreja ou os seus membros enveredarem pelo caminho da "apologia própria", é mau sinal: esse estado significa perigo imediato e determina a extinção da pouca luz que ainda resta.

O problema primordial, o ponto vital que resolve todas as dificuldades e determina o florescimento da igreja, é a salvação dos pecadores; se a igreja tiver a mensagem poderosa do Evangelho, que atraia os homens para serem salvos e transformados, todos os seus demais problemas serão automaticamente solucionados.

Tanto no livro de Atos dos Apóstolos como nos demais livros do Novo Testamento, a doutrina apostólica que dá toda a autoridade ao Espírito Santo, e condena a intromissão do elemento humano onde só a graça de Deus deve operar, é persistentemente pregada com grande clareza. Ali há cristianismo: não há religião. Cristianismo sem poder, sem inspiração, sem dependência de Deus, sem milagres e sem rendição completa, não é cristianismo: é simplesmente religião, e religião não é luz para uma igreja de Deus!

A igreja que possui a Bíblia e não descobre os recursos espirituais que Deus põe à sua disposição: os mesmos recursos e os mesmos dons sobrenaturais que iluminaram a vida dos santos primitivos, não cumprirá sua missão de ser luz entre os gentios.

Se as igrejas e os cristãos de nossos dias adotarem doutrinas e experiências estranhas aos princípios do Novo Testamento, é claro que não podem receber o brilho da revelação que engrandeceu a igreja cristã na idade apostólica.

A lei natural é esta: Se fizermos tudo segundo o modelo, a glória de Deus encherá o templo e a luz de Cristo será o brilho da igreja. Esta será a sua própria luz.

O que está em evidência hoje em dia nas igrejas é a doença de mandar e governar: todos querem possuir autoridade, quando a necessidade maior é possuir o poder de Deus. Quanto maior for o domínio humano na igreja, tanto menor será a autoridade de Deus, isto é, tanto menor será o poder do Espírito Santo, e, conseqüentemente, mais fraca será a luz que a igreja irradia. Quanto mais forte se mostrar a organização eclesiástica, mais débil será o poder do Alto a manifestar-se na igreja, porque a autoridade humana expulsa a autoridade ao poder de Deus e extingue a luz espiritual.

Parece-nos que os homens de nossos dias não fixaram bem os ensinos de Cristo ao enviar os discípulos a anunciar as Boas-Novas. Se o houvessem feito, notariam que o Mestre não lhes deu autoridade, mas revestiu-os de poder. O poder do Espírito Santo era a luz que inspirava as pregações dos humildes pescadores, os quais anunciavam Cristo e suas virtudes, sem a preocupação de quererem acorrentar o rebanho do Senhor a leis e mandamentos humanos.

A igreja que se preocupar mais com o poder de Deus do que com a tentação da "autoridade", conseguirá ser respeitada, e Deus mesmo a honrará com a verdadeira autoridade da ordem espiritual.

Onde não houver poder de Deus, não podem desabrochar as virtudes, nem a graça andará livremente entre os castiçais. A autoridade que a igreja necessita para resplandecer, não é a autoridade decorrente de resoluções humanas, mas a que se recebe ao aceitar o jugo de Jesus.

A única autoridade que serve para edificação é a autoridade que Deus dá aos homens consagrados e espirituais, mas é uma autoridade que não forma "autoritários", uma autoridade

que dá humildade, que se impõe pelo amor, sem decretos e sem leis escritas.

O poder de Deus em ação na igreja é a garantia de vida espiritual: é uma fonte perene de salvação, é a certeza de conservar a luz do Evangelho resplandecendo.

A igreja como corpo de Cristo e os crentes como membros não foram postos no mundo para reinar; a ordem que receberam foi servir, amar e brilhar para o seu Senhor. Se a igreja e os cristãos empunharem o cetro em lugar da lâmpada, a sua vida não terá luz, nem autoridade, nem poder. E se na vida individual e coletiva do povo de Deus faltarem esses elementos essenciais, ficará apenas o elemento humano, frio e inoperante, apesar de muito bem organizado.

Da atitude que a igreja e seus membros tomarem, exibindo "autoridade" ou mostrando amor; sufocando a graça ou transbordando em louvor; dessa atitude nascerá o brilho, ou despontará o fracasso. Assim como a igreja viver, assim será o seu brilho.

4
Igrejas e colméias

Há nas obras de Deus, principalmente no reino animal, alguns fatos nos quais os homens têm lições altamente objetivas, se quiserem observá-los e estudá-los. As formigas são mencionadas pelo autor do livro de Provérbios como símbolo de constância e labor. A vida em comum das abelhas tem causado admiração aos estudiosos da entomologia pelo funcionamento perfeito do trabalho nas colméias, onde vivem os pequenos insetos.

Numa colméia, entre os muitos aspectos dignos de observação, há os aspectos ***atividade*** e ***perfeição,*** porque existe somente uma vontade coletiva: orientar o trabalho comum. A menção do nome "colméia" já por si indica e sugere atividade; a vida numa colméia não tolera seres inativos e improdutivos a sugarem as reservas de alimentação e a mudarem a orientação e o ritmo da vida comum. Quando acontece aparecer na colméia algum elemento preguiçoso conhecido por "zangão", o exército apícola mobiliza-se contra o intruso que é morto e posto fora da colméia.

Nas colméias há vida, vibração, atividade, edificação, multiplicação; quer interna quer externamente, o que se observa é o trabalho constante e paciente das abelhas: umas voando, rápidas, à procura de flores; outras chegando menos apressadas, já carregadas de pólen, outras ainda movimentam-se, sem parar, armazenando e pondo em ordem os depósitos dos favos, ou cuidando das que estão para nascer. Tudo funciona com tanta perfeição, que custa crer na habilidade demonstrada no cumprimento da tarefa que cada abelha realiza. Sim, as abelhas parecem mais conservadoras dos princípios da vida, da espécie do que os homens; as abelhas conservam perfeita a vida da colméia, enquanto os homens sucumbem na dissolução dos costumes.

A vida das colméias sugere-nos a visão da vida ativa e próspera da igreja primitiva. Um olhar pela história da igreja é suficiente para revelar na comunidade apostólica uma colméia de zelo, vida e fervor espirituais; a atividade de seus membros é bem a missão das abelhas, não só a trazer à igreja o pólen dos corações, mas a levar às almas cansadas e tristes, o mel do Evangelho que o Espírito Santo distribui sem medida.

A propagação do cristianismo por todas as cidades e nações conhecidas, é uma prova de que a igreja apostólica foi uma verdadeira colméia de onde saíam os exércitos do Senhor a depositar nos corações a fecundidade da luz da salvação. É certo que a igreja também teve de enfrentar e expulsar "zangões", como Alexandre o latoeiro e outros, porém essa circunstância não impedia que o enxame de testemunhas se locomovesse com o facho do fogo divino a iluminar os corações.

O exemplo das abelhas é altamente instrutivo, e dele os cristãos deviam tirar lições práticas a serem aplicadas à vida espiritual. As abelhas não servem somente de modelo de atividade. Há também a ordem racional da qualidade. Das mimosas e perfumadas flores, as abelhas libam o alimento integral e único para atender à subsistência da família apícola. Ê das flores que retiram a substância padrão da doçura e nutrição.

Se alguém tentasse induzir as abelhas a se alimentarem de algo que não fosse o mel, receberia uma lição exemplar com a recusa terminante dos pequenos insetos.

Entretanto, a igreja e os cristãos, nas suas relações e problemas espirituais, agem de modo diferente. Deus cuida dos cristãos e da sua igreja, como cuida das abelhas; para as abelhas, o Senhor prove as flores; para o seu povo, Ele tem a sua Palavra, na qual há maná, leite e mel.

As abelhas não se rebelam contra a natureza: geração após geração, século após século, conservam fidelidade aos princípios criadores, amando e beijando as flores, nas quais têm uma fonte permanente de bênçãos.

A igreja e os cristãos, porém, não possuem o tino espiritual capaz de selecionar o alimento que convém à alma: aceitam qualquer panacéia como se fosse manjar celeste: intoxicam-se com todas as drogas pecaminosas que Satanás expõe no jardim da vaidade. O resultado desse desvio é a igreja e seus membros viverem em contínuo estado de carência, por

falta do único alimento que lhe pode dar saúde e vida. Essa carência leva a enfermidades espirituais permanentes.

O que as flores são para as abelhas, Cristo deve ser para a igreja e para os cristãos. Na igreja, como na colméia, o trabalho de visitar as flores (falar com Deus em oração) deve ser incessante. As abelhas, como é notório, desincumbem-se com brilho da sua missão. - Quanto à igreja em geral, porém, e aos cristãos em particular, quem poderá e como poderá responder?

Outro aspecto da vida da família apícola é a generosidade sem desperdício: numa colméia jamais falta o favo dourado do precioso néctar. As abelhas alimentam-se, mas conservam sempre um bom depósito para as horas de necessidade: jamais alguém ficou desapontado ao visitar uma colméia, por não encontrar um favo cheio de mel. Ali há sempre alimento para todas as horas.

Uma igreja, uma comunidade, um coração crente, devia possuir melhor organização e mais perfeita e racional distribuição da Palavra de Deus, do que é feito no serviço de uma colméia.

- Acaso as igrejas, as comunidades, os corações crentes possuem um depósito da Palavra que possa alimentar os famintos e os sedentos que batem à porta procurando a salvação? A igreja tem a mensagem completa da graça para oferecer àqueles que a procuram? A comunidade está apta a ofertar o conforto espiritual da sua experiência à alma que procura o mel nas suas ações?

- Os crentes refletem a abundância da alegria do Espírito e de tal maneira a não decepcionarem aqueles que esperam encontrar frutos em suas vidas?

Se a resposta for negativa, é sinal de que a luz do Evangelho que a igreja tem não alumia, não dá brilho, não dá doçura, não dá mel!

5
Luzes sem brilho

A grande perplexidade dos homens de responsabilidade na igreja decorre do fato estranho e aparentemente inexplicável da falta de brilho na vida, na luz, na missão, no testemunho, em tudo, enfim, em que a luz devia alumiar e refletir o poder da salvação.

A igreja sente necessidade de aviva-mento, clama por despertamento, mas a luz não tem poder para atrair as multidões, como nos dias dos apóstolos; não tem o fulgor capaz de penetrar nos corações e convertê-los.

Há muitas necessidades e muitos problemas que a igreja e o cristão possuem e não podem resolver: falta algo para transformar as circunstâncias: há luz, mas a luz não brilha.

- Que força havia na igreja primitiva para dar brilho à luz? A luz daqueles dias seria diferente da luz do tempo presente?

- Não, a luz da Idade Apostólica era a mesma luz prometida à igreja da atualidade. A atitude dos homens para com Deus é que determina o reflexo da graça, o brilho da salvação. As ações e a nobreza dessa atitude constituem um clarão permanente a arder e iluminar.

Para haver um grande clarão, deve haver um facho correspondente a projetar claridade nos corações. Uma grande luz consome energia e, às vezes, requer o sacrifício de alguma vida. O sacrifício duma vida só se alcança na abundância da graça, e a graça abundante, que gera o amor, está em Deus.

É em vão pensar que as nossas realizações, o nosso dinheiro, os nossos ensinamentos, os nossos livros, e toda a nossa atividade se transformam em claridade ou que podem substituir a luz. A graça, que faz brilhar à própria luz, está na aceitação incondicional da obra de Cristo, tal como o fez Zaqueu, ao receber Jesus Cristo em sua casa e em seus negócios e, particularmente, no seu coração, sem se importar com o que aconteceria à sua riqueza. Zaqueu foi iluminado pela luz da salvação que transformou para sempre a sua conduta.

A luz que entrou na casa e no coração de Zaqueu, e que brilhou de cima para baixo, tem sua origem no trono do Senhor. Pretender iluminar as coisas elevadas com a luz do saber humano é fracassar no empreendimento, porque essa luz não tem brilho. Quanto mais o homem descer, mais facilmente será iluminado. É muito significativo o fato de Zaqueu ter de "descer" da árvore para ser iluminado pelo resplendor do poder do Evangelho.

Se a igreja ou alguns de seus membros se considerarem tão elevados, que não possam "descer" para receber a luz do Espírito Santo, pouca probabilidade terão de ver a luz da vida. Se alguém subiu até onde não devia subir, lembre-se de que, sobre a figueira, qual Zaqueu, não é o melhor lugar de permanecer após um encontro com Cristo.

A luz que iluminou Zaqueu é a luz que a igreja necessita para ser atraída para mais perto de Cristo. Essa luz provou ser poderosa e fulgurante; poderosa, porque Zaqueu tomou a resolução de pôr sua vida em ordem, restituindo com juros elevados tudo quanto defraudara; fulgurante, porque Zaqueu viu nas riquezas espirituais um valor mais elevado do que o ouro acumulado. Jesus Cristo não deu qualquer ordem a Zaqueu no sentido de reparar os males cometidos; não o acusou de desonesto; não inquiriu como alcançou as riquezas que possuía. Entretanto, em tudo isso estava o fulgor da graça de Deus a impulsionar Zaqueu para viver na justiça de Deus, e a inspirá-lo a restituir o que conseguira acumular ilicitamente.

Uma luz que tinha brilho revelou a Zaqueu um caminho mais excelente, levou-o à profunda convicção de uma experiência que é também uma revelação. É dessa luz que a igreja e o cristão necessitam para entrarem no campo das experiências e das vitórias divinas.

A igreja que espera alcançar de Deus a luz que tem brilho, terá sempre presente a revelação da chamada para o trabalho de mostrar Cristo aos homens.

Foi na plenitude do clarão dessa luz que viveram os santos, e os profetas e a igreja de há vinte séculos. A igreja que fizer sua a luz da revelação que fez de Zaqueu um homem de Deus, essa igreja pode alu-miar e encaminhar as almas para Cristo, a fim de serem transformadas.

O fator de progresso espiritual numa igreja não é a prosperidade material; não é a lembrança do passado; não é o orgulho de ser uma grande denominação; não é possuir muitos

valores intelectuais. Todas essas luzes são luzes sem brilho, luzes que não alumiam, fumegam mas não iluminam.

- Qual é a luz que permanece na igreja dos dias presentes? Será a luz da Estrela da Alva? ou a luz sem brilho?

6
Próximo ou longe?

- Estarão as igrejas, as comunidades e os cristãos de nossos dias, vivendo, pregando e mostrando as doutrinas que outrora eram os únicos esteios e o único ensino da igreja primitiva? Vivem as igrejas e seus membros perto ou longe das verdades cristãs que fizeram prosperar e luzir a igreja dos primeiros dias da Dispensação da Graça? A igreja atual tem mais poder que religião? ou possui mais religião que poder? As igrejas cristãs são testemunhas de Cristo, tal como o foi a igreja do passado? ou são apenas apologistas de um sistema religioso?

Antes de mais nada, para responder às questões aqui levantadas, será bom aferir o acervo espiritual das igrejas atuais com a bagagem espiritual da igreja apostólica. Só então será possível reconhecer a diferença existente entre o passado e o presente.

Infelizmente, o cristianismo de nossos dias não preservou os recursos e as reservas dos fatores espirituais que permitiram à igreja primitiva passar vitoriosa pelo mundo. Hoje se vive muito longe do padrão apostólico: há muita religiosidade, mas pouco poder do Céu; muitos planos humanos, mas pouco da revelação da vontade de Deus; muita propaganda humana, mas pouca graça em ação.

A visão estrábica de alguns homens, arrastou a igreja para longe da visão esplendorosa de continuar a ser uma testemunha de Cristo aqui na terra. Em alguns casos essa visão fica tão prejudicada e tão obscura que homens e organizações confundem sua missão de testemunhas com a de salvar. Desse engano resulta um afastamento total. A igreja e os crentes têm sua missão específica de testemunhas que refletem o brilho de quem os enviou a testificar. A missão de salvar é exclusivamente de Jesus Cristo. Só Ele possui esse poder e somente Ele foi enviado com essa missão; esse privilégio é intransferível. Nem mesmo no Céu, os anjos serão capazes de substituir Jesus! Como então os homens tentam fazê-lo?

A igreja primitiva era zelosa de sua missão de testemunha de Cristo: jamais se arrogou o direito de salvar o mundo, nem de ser tutora das nações. Quando as igrejas ou os indivíduos entram pelo caminho acidentado da suficiência própria, transformam-se em cegos guiando outros cegos: não conseguirão mais que apagar até o próprio morrão que fumega.

' A igreja que não deseja afastar-se da revelação e do modelo do Novo Testamento, deve ter sempre presente que o poder de salvar não foi transferido a nenhum homem nem a qualquer igreja ou religião: é Cristo quem salva.

A fraqueza e a falta de iluminação do Espírito decorrem deste fato tristíssimo notado em toda a parte: A substituição da doutrina da salvação por doutrinas em que sobressaem a filosofia, e a teologia. Os apóstolos clamaram e condenaram essa ameaça, mas os homens insistiram sempre em introduzi-la na igreja. 0 resultado é que, com isso, a igreja se afasta de Cristo.

A igreja que não tem em seu programa a doutrina de salvação pelo sangue de Cristo, não merece o nome que tem. "O Cordeiro de "Deus que tira o pecado do mundo" era o tema dos primeiros cristãos. Salvação e redenção é o tema permanente e imutável do cristianismo; qualquer alteração introduzida no plano de Deus afasta a igreja do seu fundador, e invalida o sacrifício de Cristo.

Se a igreja de nossos dias quiser honrar a Deus com sua conduta, e ser um farol a projetar luz e bênçãos no mundo em que vivemos, deve usar a linguagem clara da sinceridade e anunciar da parte de Deus todo o conselho do Senhor e todas as virtudes do Evangelho, tal como Pedro e João o fizeram ante as autoridades em Jerusalém.

Se os apóstolos houvessem traído sua missão de testificar de Cristo, falando de algum tema que agradasse aos judeus, teriam, dessa forma, conquistado as simpatias gerais dos homens de seu tempo, receberiam honra e consideração, mas a igreja teria perdido a grande batalha e as palavras dos humildes paladinos não se transformariam em luzes permanentes de todos os séculos, a refulgir na grandeza da sua expressão e a brilhar pela sinceridade com que defenderam a causa de Cristo.

Vale a pena insistir na pergunta inicial deste capítulo: - Estarão as igrejas, as

comunidades e os cristãos de nossos dias, vivendo, pregando e ensinando os ensinos da igreja primitiva?

O que se nota na vida das igrejas da atualidade é uma atividade diferente e, em muitos casos, em contraste com os princípios fundamentais do cristianismo.

Se é certo que algumas igrejas no tempo presente alcançaram fama e ganharam prestígio por suas atividades educativas e por movimentos de caráter social, também é certo que, espiritualmente, não subiram um centímetro: trocaram o fulgor da fé pelo sucesso de planos sociais: a espiritualidade diluiu-se entre a glória passageira da fama: afastaram-se ainda mais dos princípios vitais do cristianismo.

- Qual é a missão da Igreja à luz da Palavra de Deus? Será a de formar intelectuais e dar ao mundo homens com preparo e títulos universitários? - Não, essa não é a missão da Igreja. Jesus mesmo definiu a verdadeira missão da Igreja, dizendo: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações... ensinando-os a guardar todas as cousas que vos tenho ordenado..." (Mt 28. 18,19 - Versão Atualizada). Aí está o programa da Igreja. E os discípulos o cumpriram. É lógico que alguém deve cuidar da instrução, mas isso não é a missão fundamental da igreja: é um elemento acessório.

Não se julgue que somos contrários a qualquer forma de educação. Não. Insistimos apenas em conservar a vida espiritual dependente dum poder mais elevado que a instrução humana não pode dar. Julgamos que na igreja vale mais um homem convertido e salvo, dedicado a testificar de Cristo, embora indouto, do que cem intelectuais agnósticos que julgam a perfeição distante e inatingível.

Substituir o programa e a missão da igreja cristã é afastá-la de seus princípios, e esse fato não concorrerá para lhe dar brilho no concerto das coisas espirituais.

Nenhum mal haveria em que a igreja fosse um centro de cultura e beneficência, se não tivesse presente o perigo de relegar a um plano secundário a sua missão essencial. Se alguém puder harmonizar esses dois programas, terá alcançado estado ideal. Entretanto, o que a experiência tem mostrado é que a vida espiritual da igreja decresce cada vez que a envolvem em planos alheios à sua função.

Ninguém tem o direito de inverter a ordem de Jesus acerca da missão da igreja: aqueles que o fazem afastam-na da sua grande missão de evangelizar e brilhar por Cristo.

7
Sonolência Espiritual

Antes de censurarmos a insistência dos apelos em favor do retorno à fé e à prática cristã dos dias apostólicos, seria muito útil que lêssemos a Epístola de Paulo aos Gálatas, e, como complemento, para maior clareza, olhássemos também cuidadosamente os capítulos segundo e terceiro do livro do Apocalipse. Ali estão descritas as causas determinantes das advertências que Deus fez às igrejas que começaram a coxear.

A razão da chamada à fé era o desejo da parte do Senhor, de que essas igrejas voltassem a viver, a florescer e a crescer na ordem espiritual, e não somente na abundância e grandeza materiais. Para tanto, era necessário voltar ao lugar da queda, e ali iniciar nova jornada. - Acaso persistem, hoje, as mesmas circunstâncias e os mesmos perigos para a igreja, como nos fins do primeiro século? - Existem, sim, e agravados de outros males não mencionados nas advertências aos cristãos daquele tempo, mas expressos nos fatos e na conduta da igreja ou das igrejas na atualidade.

Há forças ocultas interessadas em negar a realidade dos acontecimentos; há o comodismo criminoso a justificar os desvios e a aceitar todas as facilidades iníquas do caminho largo. Contrariar essas forças é expor-se a sofrer perseguições e desprezo; porém, o estado de alarme deve ser proclamado, antes que seja demasiado tarde.

A verdade inegável é que nem tudo corre placidamente na vida das igrejas. Se é certo que nem todas as igrejas apostataram da fé. também é certo que muitas servem a dois senhores, e outras já estão acorrentadas pelo formalismo e pelo mundanismo.

Em alguns países há igrejas cuja luz são trevas: aceitaram e adotaram todos os hábitos do mundo, inclusive jogos, diversões e linguagem mundana. A única diferença é que tais coisas são praticadas por seus membros, à sombra da própria igreja, no seu patrimônio, o que agrava ainda mais o pecado diante de Deus: são a vergonha da Cruz.

No Brasil, já vão despontando também essas idéias maléficas de agregar às igrejas esse apêndice apodrecido que infecciona a vida dos membros do corpo de Cristo.

Se as igrejas não despertarem e não se conservarem orando e vigiando, fatalmente serão arrastadas para o báratro.

As advertências do livro do Apocalipse tinham por finalidade despertar as igrejas que entraram em estado de sonolência espiritual. As advertências que aqui ficam têm idêntica missão. Ainda há tempo de consertar as relações com Deus. As igrejas que conservam elevado o seu padrão espiritual, que cuidem em não descer! Que prossigam para o alvo soberano! As que já estão à beira da falência, que voltem à fonte de Luz, e sua vida renovar-se-á: seu testemunho passará a ser luz no Senhor!

Seria um crime contra a santidade de Deus, agora que o modernismo e o mundanismo ameaçam a vida, as atividades e o brilho da igreja (Seria um crime, repetimos!) não denunciar a aproximação da nuvem de males que tenta ofuscar a missão da igreja.

Da atitude que os homens tomarem em relação à orientação da igreja, dependerá também o êxito de seu brilho e sua missão na terra.

- Por que insistimos no apelo à luta pelos princípios verdadeiros do cristianismo?

- Pela mesma razão com que, no passado, o Espírito Santo, por intermédio dos homens de Deus, insistia para que a Igreja conservasse limpas as suas vestes, resplandecente o seu testemunho e honrada a sua missão na terra..

8
Idolatria dos Sermões

Não alimentamos qualquer ilusão quanto à reação que alguns esboçarão contra o assunto de que trata este capítulo; sabemos convictamente que nem todos aplaudirão as verdades aqui enunciadas. Ninguém deseja ser considerado idolatra, principalmente tratando-se de pregadores, porém os fatos pesam mais que o desejo e os fatos aí estão a testificar que há muitos pregadores que, sem se aperceberem, tornaram-se idolatras de sermões.

Desejamos fique bem claro que o sermão ou pregação pode ser uma fonte de bênçãos para o pregador, para os ouvintes não-salvos e para os remidos que já pertencem à igreja. Ao mesmo tempo, frisamos, pode transformar-se numa forma de idolatria. Tudo depende da atitude que o pregador tomar ao entregar a mensagem ao povo.

A pregação pode ser uma luz a iluminar o caminho para o Calvário, como pode ser uma nuvem de obscuridade a evitar que as almas vejam Cristo e o sigam. Se o pregador estimar mais a mensagem que prega do que a Pessoa de Cristo, tal pregador é idolatra. Se a pregação for feita com o propósito de mostrar a capacidade do orador, ninguém negará que no coração há idolatria ligada ao sermão.

Inegavelmente, o que há em abundância na igreja dos nossos dias são pregadores idolatras de seu próprio trabalho, que é feito sem a preocupação de elevar Cristo, mas com o cuidado preconcebido de mostrar sapiência humana.

O sermão será um ornamento a fazer brilhar a luz do Evangelho, se anunciado no propósito que tornou grande a missão de João Batista, ao declarar que convinha que Cristo crescesse, e que ele, João, diminuísse. O sermão concorrerá para o brilho da igreja, se Cristo for o centro e a periferia do assunto que se anuncia. De outra forma, se a pregação for vazia de sentido e da unção do Espírito, será um ídolo para o pregador, com o evidente perigo de o ser também para os seus ouvintes.

Se alguém deseja conhecer o caráter dos sermões ou pregações dos apóstolos e dos homens de seu tempo, é só recorrer aos livros do Novo Testamento, pois ali está o espelho, o modelo e o característico da mensagem que não transforma corações livres em idolatras de sermões. A primeira verdade revelada na pregação apostólica é que a mensagem era feita para ganhar almas. O único tema que os inspirava e lhes dava fulgor era unicamente Jesus Cristo, o Filho de Deus.

O contraste entre os pregadores dos tempos apostólicos e muitos pregadores de nossos dias é flagrante. O que há em abundância nos dias presentes são ganhadores de elogios, em virtude de carregarem seus sermões de sabedoria, deixando-os vazios de Cristo.

Há pregadores que seriam bons novelistas, se abraçassem a profissão de escritor, que, porém, nada tem que ver com a pregação do Evangelho. Não se pense que essa classe de pregadores é diminuta. Ao contrário, é bem numerosa. Aqueles que falam para impressionar o auditório, afastaram-se demasiado da estrada da vida. O que Cristo pede e deseja do pregador é que fale do que recebeu do Pai; que exprima sua gratidão, alegria e o poder da salvação. Se o pregador não possuir essas verdades arraigadas no coração, terá de substituí-las por frases muito sugestivas, artificiosas e eloqüentes, que rescendam a cultura. Mas é aí que está o perigo da idolatria dos sermões.

Os homens de responsabilidade integrados na vida da igreja devem saber que religião e salvação não são assuntos sujeitos às exigências da arte de falar, nem melhoram com os retoques estéticos do buril lingüístico. Se tal sucedesse, isso seria subordinar um tema divino e espiritual ao capricho da retórica. A obra de levar almas a Cristo é mais simples, mas é mais elevada que o trabalho de colecionar termos para dar realce àquele que prega.

Pregar o Evangelho não é atrair o intelecto para o brilho da inteligência: é, antes de tudo, expor ao mundo atribulado o caminho da vida eterna e da paz.

Deus não chamou, nem chama, para pregarem nas igrejas ou nas praças, preletores de filosofia nem apologistas das várias ciências. O lugar de prelecionar retórica ou eloqüência não é a igreja. Há as cátedras onde é mais próprio fazê-lo. Se o pregador introduzir elementos

estranhos na pregação, prova que está inclinado para um lado perigoso, que pode transformar-se em idolatria dos sermões.

Envernizar o sermão com as tintas do saber terreno é ofuscar o brilho da espiritualidade que deve fulgurar na mensagem do evangelista que fala às almas sem Cristo.

Fazer um sermão saturado de frases e expressões engenhosamente dispostas para impressionar o auditório, pode ser mais fácil que pregar dentro das linhas bíblicas em que só a graça ressalta e dá vibração, porém tal sermão pouco valor terá para converter almas a Cristo, porque é um sermão arquitetado e idolatrado por quem o fez.

Jamais ouvi um testemunho de alguém que declarasse haver sido salvo pela ciência, pela cultura, pela eloqüência ou pelo pregador. Entretanto o que se ouve de todos quantos alcançaram ser iluminados pela graça de Deus, é que Cristo os salvou, que o poder do Evangelho os levantou, que a graça os redimiu.

O pregador que viver o Evangelho terá na sua mensagem a chama da unção a dar realce ao que fala, porque é uma força que sai do coração e vai direto ao objetivo. Foi assim na igreja primitiva, e será assim na igreja, em todos os tempos. Pregar o Evangelho é colocar os homens face a face com Cristo, é iluminá-los com a luz do próprio Céu. Pregar somente sabedoria intelectual é colocar os homens face a face com a cultura e erudição, é o caminho mais curto para o pregador alcançar o altar da idolatria dos seus sermões.Pregar para ser admirado é fundir bezerros de ouro que os ouvintes, mais cedo ou mais tarde, adorarão. Pregar a Palavra é sacrifício que leva até ao holocausto, mas que impede chegar-se à idolatria.

Ninguém se engane com as aparências! A letra não será o brilho da igreja cristã. A capacidade humana não é facho de luz capaz de atrair as almas para serem salvas. A habilidade dos homens não converterá um só coração. Na igreja somente uma luz deve aparecer - Cristo, que é a Luz do mundo. Se faltar essa luz, haverá certamente idolatria, pelo menos a idolatria de sermões.

9
Águas de outras cisternas

A não ser nos períodos de avivamento, as igrejas experimentam, geralmente, acentuadas transformações até chegarem ao período de estagnação no qual permanecem indefinidamente, alheias ao que se passa em redor, satisfeitas com tudo e com todos, aceitando todas as fórmulas e métodos humanos, oficializando práticas e organizações muito úteis para companhias e firmas comerciais, porém atrofiadoras da vida espiritual, impróprias para a igreja cristã. Faltando-lhe a água da inspiração, a igreja lança-se à procura de sucedâneos, e vai buscar água em cisternas, desprezando a água viva.

Antes de ir buscar em cisternas, a igreja passou por períodos e tempos festivos em que bebeu água da sua fonte, isto é, da sua doutrina, da sua revelação, e inspiração, do seu zelo pelas almas sem Cristo, tendo desejo de santificação e dedicando-se ao serviço com sacrifício voluntário, ideais puros, e fidelidade à revelação divina. Tinha como fonte a Palavra de Deus. Não era o concilio quem determinava o que devia fazer. Não era o presbitério que impunha suas inovações. Não era uma convenção que ditava leis. A Palavra de Deus, fonte das águas vivas, quando praticada, tem em si todas as vantagens que as cisternas não podem dar.

O primeiro período da igreja é geralmente o período dos idealistas, o período do sacrifício, em que o corpo, cansado pelo labor, alegra a alma pelo trabalho realizado; é o período em que nem mesmo a carteira reclama quando é esvaziada para atender às necessidades de outrem; é o período de dar, mas também é o período de receber, de beber das águas da fonte, de beber diretamente da Palavra, numa consagração, sem limites, a Deus.

O tempo de sacrifícios para a igreja é também o período mais rico da graça; é quando a água da vida jorra nela mais abundante, mais clara e mais refrescante. Todos aqueles que provaram as bênçãos desse período, reconhecem com gratidão quanto bem lhes fez a água, a satisfação, o gozo, a experiência e a comunhão que beberam e desfrutaram nesse primeiro período da igreja.

Antes de a igreja chegar à fase de decadência estabilizada, passa por um período de transição em que a água da vida não mais corre, em que há somente lembrança dos dias em que as bênçãos transbordavam até alcançar os lares e os membros da família. Os pais crentes que serviam a Deus fielmente na igreja bebiam da água da vida que ali havia e recolhiam bênçãos tão abundantes, que o lar sentia seu reflexo. Os filhos talvez não bebessem diretamente dessa água, mas a água que os pais bebiam corria neles como um caudal refrescando e regando.

O início da decadência é o início das trevas: não há mais o interesse vivo pela obra do Senhor; rareiam os abnegados que tudo sacrificaram para servir à causa de Cristo; não há mais ninguém disposto a sofrer pela causa do Evangelho: ninguém mais enfrenta a mofa e o desprezo por amor a Cristo; não existe a fé dos heróis que escolhem ser perseguidos com o povo de Deus a ter o gozo passageiro do mundo. Este é o período dos poços secos por falta de serem conservados. É o caminho aberto para chegar a beber águas de cisternas imundas.

A igreja que chega à fase da vida artificial e formalista, já perdeu o privilégio de beber a água viva. Só tem a aparência de que vive. Vai beber em cisternas. O culto pleno de vida e bênçãos não existe. O desejo de aprender mais e mais de Deus desapareceu dos corações. Os testemunhos vibrantes e inspirados nem ao menos são conhecidos. As conversões de almas são coisa rara. pois não se pensa mais nisso. Os princípios rígidos de doutrina e moral desmoronaram. Ninguém mais honra a palavra empenhada: é o tempo do descrédito na igreja.

Há igrejas que possuem maior e mais complicada burocracia do que algumas repartições públicas. Possuem cruzadas para construções, movimentos para congressos de homens, de senhoras, de jovens e crianças. Têm juntas de educação, de ação social, de missões; federações de todos os tipos; institutos que tratam de tudo. menos de evangelizar as almas. Ante uma máquina tão complicada a funcionar numa igreja, seria de esperar que o rendimento espiritual fosse apreciável, e que não faltasse a água viva.

Mas, querido leitor, todo esse mecanismo é artificial e estranho á igreja de Cristo: é

água de cisternas que entorpecem a vida do povo do Senhor.

A igreja tem a Bíblia, a Palavra de Deus, para dar água viva a todos os sedentos. A água viva da igreja e do cristão é o Evangelho, e só nele há a verdadeira água da vida.

Quando a igreja perde a visão da revelação e bebe em cisternas, sua vida se altera e pode chegar a deixar de ser testemunha de Cristo, para ser pedra de escândalo.

A igreja cristã, tendo a revelação do Evangelho, basta-se a si mesma, porque bebe da fonte da água viva. O poder da graça é a sua vida e o seu êxito; não necessita transportar para dentro de suas portas inovações ou cisternas: ela tem a água viva.

A tentação de imitar os vizinhos ou de querer superar os demais, leva a igreja a desprezar a fonte da revelação, para aceitar, em seu lugar, as cisternas que muitas vezes contêm águas pútridas e mortíferas. A fonte da graça tem águas vivas que continuamente se renovam, enquanto que as cisternas semeiam a morte espiritual.

Todos quantos lerem estas linhas têm responsabilidade diante de Deus no que concerne à vida espiritual. Há para todos uma parcela de culpa se beberem ou se concorrem para que outros bebam em cisternas. Nós, como membros do corpo, formamos a igreja. Portanto, voltemos à fé dos antigos, voltamos a beber da água da vida, que é Cristo mesmo.

10
Um culto diferente

Transportemo-nos, por alguns momentos, ao tempo da igreja primitiva e observemos, com calma, um culto diferente dos cultos realizados nas igrejas de nossos dias.

Qualquer pessoa que se extasiou ante o relato do esplendor de um culto na igreja primitiva, tal qual é descrito na história dos primeiros séculos, notará que tudo se transformou. Hoje, nos cultos de nossos dias, não há a vida e a vibração intensa de outrora; falta-nos a liberdade ao Espírito de Deus para usar os vasos que estão cheios de graça e poder.

Alguns dirigentes de cultos estão esquecidos da recomendação do apóstolo quando diz que ao se reunirem cada um tenha salmo, hino, louvor ou canção espiritual para apresentar ao Senhor. Se o dirigente não tiver os olhos da fé ungidos com colírio do Céu, sua mente ficará ofuscada pelo esplendor do cargo e julgar-se-á o único capaz, naquele momento, de apresentar algo que alimente a congregação, quando ali pode haver valores que Deus possa e queira usar. Onde o formalismo estabeleceu uma ordem mecânica, não há liberdade para o Espírito: não pode haver inspiração.

Não era assim na igreja primitiva; a graça não era substituída pelo intelecto; o dirigente ocasional da reunião tinha a visão de João Batista: ocultava-se aos olhos dos homens, a fim de que Cristo fosse visto em todos os atos e em todas as obras, por intermédio de quem Ele quisesse usar. Se havia algum coração inflamado pela graça e transbordante do gozo da salvação, podia levantar-se e transmitir à congregação a vibração da mensagem de Deus, e de tal forma o fazia, que todos reconheciam estar o tal vivendo no brilho e na santificação do Senhor.

- Mas onde está hoje a liberdade que transforma um culto num encontro inesquecível com Deus, quando a alma sente a atmosfera do Céu perpassar num enlevo sublime que faz esquecer que estamos na Terra? Onde estão os salmos de adoração?

Onde os hinos espirituais? Onde os testemunhos simples mas convincentes, pelos quais Deus transtornou tanta sapiência e confundiu a arrogância?

Um culto na igreja primitiva possuía encantos que ninguém podia antecipar. Os que se propunham a assistir a eles, faziam-no unicamente confiados na graça que Deus revelaria à medida que o culto se realizasse. Nada ali era automático: o culto duma noite diferia do culto da noite seguinte. A pregação da Palavra, as orações, os hinos, os testemunhos, tudo, enfim, estava na dependência do Espírito Santo, o que transformava em motivos de louvor e fatores de salvação, o que acontecia.

A variedade da forma do culto dava à igreja um brilho que não podia ser imitado, e transmitia aos corações convicções tão profundas e reais que nenhuma dúvida as podia abalar. Com a convicção, nascia o desejo ardente de viver uma vida mais profunda e mais ativa no amor de Deus.

Antes de terminar este capítulo, desejaríamos conhecesse o leitor alguns fatos históricos que descrevem a forma e a vida dum culto numa igreja apostólica, no tempo de Paulo. O brilho da igreja de então não se relacionava com a grandeza exterior, como acontece em nossos dias. A atração que a igreja exercia não consistia em templos vistosos como os há hoje, por toda a parte. Os locais onde se reuniam eram bem modestos; talvez uma sala numa casa particular ou um salão que tivesse servido de depósito de mercadorias, porém ali refletia, num deslumbramento espiritual, o fulgor da graça salvadora, transbordando dos corações remidos do pecado.

A assistência que acorria às reuniões da igreja não tinha as mesmas características da assistência dos cultos de nossos dias. Hoje, cada igreja ou congregação, é composta de pessoas que moram na mesma região, têm os mesmos costumes, usam os mesmos trajes.

Na igreja primitiva, principalmente nas cidades comerciais servidas de porto de mar, a assistência era composta de livres e de escravos. Judeus de feições e traços distintos contrastavam com gentios que o Evangelho iluminara e salvara. Gregos de vestes custosas confundiam-se com homens rústicos, cuja vida fora gasta e enrijecida em viagens marítimas, mas agora, alcançados pela Luz do Mundo, estavam transformados e ali estão todos a arder de

gozo, pela salvação que receberam.

Havia ainda na assistência, embora não muito numerosa, pessoas nobres às quais a salvação dera mais nobreza. Elas também estavam unidas ao conjunto da massa heterogênea que a graça arrancara do lamaçal.

Entremos em um desses lugares de cultos e vejamos qual a diferença entre os serviços divinos que eles realizavam e os que se efetuam em nossos dias. Vamos fazer abaixo a descrição dum culto na igreja primitiva, visto pelo historiador Stalker, conhecido e respeitado por todos:

"Em vez de uma só pessoa a dirigi-los nas orações, pregações e salmos, todos os presentes tinham a liberdade de contribuir com a sua parte. Talvez houvesse um presidente ou diretor; mas um membro podia ler uma porção das Escrituras, outro podia fazer uma oração; um terceiro podia proferir uma alocução; um quarto, principiar um hino, e assim por diante...

"Membros também havia que tinham o dom de profecia, dom em extremo valioso. Não era a faculdade somente de predizer futuros eventos, mas um dom de apaixonada eloqüência, cujos efeitos eram por vezes assombrosos: entrando na assembléia um incrédulo e escutando os profetas, era arrebatado por uma emoção irresistível: os pecados de sua vida passada se lhe assomavam à mente, e ele confessava que Deus verdadeiramente estava no meio deles. Outros exerciam dons mais semelhantes aos que nos são familiares, tais como o dom de ensinar e de administrar. Mas em todos estes casos parece ter havido uma espécie de inspiração imediata, não o efeito de cálculo ou de preparação, mas da presença de um influxo íntimo.

"Estes fenômenos são de tal modo extraordinários, que, se fossem narrados em uma simples história descritiva, suscitariam sérias dúvidas à fé. Porém, a evidência deles é irrefutável, porque ninguém, escrevendo a um povo a respeito das suas próprias condições, iria inventar circunstâncias que não existem e, além disso, Paulo escrevia-lhes antes para restringir do que para acoroçoar semelhantes manifestações. Revelam elas, entretanto, a vigorosa força com que ao entrar no mundo, o cristianismo se apoderou dos espíritos sob a sua influência.

"Cada crente recebia, em geral, por ocasião do batismo, quando sobre ele se impunham as mãos do batizante o seu dom especial, cujo exercício podia ser tempo indefinido, dependendo apenas da fidelidade do recipiente.

"Era o Espírito Santo, derramado sobre eles sem medida, e penetrava os espíritos dos homens e repartia estes dons entre eles diversamente, segundo lhe apra-zia. Cumpria a cada membro fazer uso do seu dom particular em proveito de toda a corporação.

"Terminados os serviços aqui descritos, os membros assentavam-se para uma festa de amor, que culminava na Ceia do Senhor. E então, com o ósculo fraternal, eles se despediam e saíam para seus respectivos lares. Era uma cena memorável, radiante de amor fraternal e aureolada por manifestações estupendas de energia espiritual. Ao voltarem aos seus lares, passando por grupos descuidosos de pagãos, eles tinham a consciência de haver experimentado aquilo que o olho não viu nem o ouvido jamais ouviu".

Uma igreja onde os serviços divinos se identificam com os da igreja primitiva, como acima foi descrito, brilhará, sejam quais forem as circunstâncias, porque dentro de suas portas há corações que intercedem dia e noite pelos dons do Alto.

Na igreja primitiva os cultos eram assim.

- Como são os cultos em nossos dias? São cultos com as mesmas características ou são cultos diferentes?

11
Prisioneiros da teologia tradicionalista

Imaginemos o que aconteceria numa sala em que se reunissem vários grupos de pessoas com o objetivo de discutirem teologia! Em geral, os homens dados a disputas teológicas, insensivelmente, transformam-se em autoritários e dogmáticos, e não admitem que seus pontos de vista sofram exame ou censura. Esse aspecto do assunto consideramo-lo como fruto da teologia exacerbada e partidária, portanto prejudicial: má teologia.

A verdadeira teologia é honesta em si mesma e, se usada com critério e até onde chega a revelação do Espírito, não é um mal: pode até mesmo enriquecer o conhecimento e ajudar a penetrar nas verdades da Palavra de Deus.

Entretanto, a teologia adulterada e perigosa tem sido a grande inimiga da espiritualidade. Quando grupos se reúnem para discutir idéias e interpretações apresentadas por este ou aquele teólogo, ninguém espere receber edificação, porque de tais tertúlias nascem as separações e as questões loucas e intermináveis das quais o apóstolo Paulo falou.

Os homens que se embaraçam com idéias teológicas por simples questões de especulação, deixam de ser livres: tornam-se escravos dum conceito que, quanto mais explicado mais complicado se torna, tomando, por fim, a forma dum novelo de fio emaranhado e cheio de nós, impossível de ser reconstruído.

A igreja que trocar a Bíblia por compêndios de teologia, fatalmente se transformará em prisioneira dum sistema de dogmas do qual pouca vida pode esperar. Se a Bíblia é a Palavra de Deus, poderosa e inspirada, é evidente que não há necessidade dum código civil (neste caso a teologia), nem de textos legislativos para explicá-la. A revelação dada aos homens inspirados que escreveram a Bíblia, não pode ser aplicada ao sabor de qualquer teólogo; as escolas teológicas são tantas e tão contraditórias que, custa a crer, se arroguem todas o direito de interpretar a Bíblia. A Bíblia está alheia a todos os males espirituais que a má teologia provoca. A Bíblia é espírito e vida: a teologia é letra.

Como conseqüência do abandono das verdades bíblicas por princípios filosóficos e sistemas teológicos, é que muitas igrejas estão hoje sem a luz da revelação, escravas do formalismo, acorrentadas por tradições, despojadas da graça e do poder que brilhava na igreja apostólica.

A Bíblia é o livro da revelação de Deus para salvação das almas, e não para ser motivo de especulações e interpretações humanas. As leis são mutáveis, transformam-se, ajustam-se, modificam-se e revogam-se, porque são humanas, mas a Palavra de Deus permanece para sempre.

Quando Paulo afirmou que a letra mata, mas o espírito vivifica, estava, ainda que indiretamente, com essas palavras, combatendo o movimento incipiente de dogmatismo na igreja, que tinha por objetivo sobrepor-se à revelação do Espírito do Senhor.

A Palavra do Senhor não está sujeita a flutuações, transformações, e interpretações várias, como as escolas teológicas, que surgem e desaparecem, sempre discordantes, condenando-se mutuamente.

A Bíblia é a terra da promissão e da liberdade. Quanto maior for o conhecimento das Escrituras, tanto mais será o conceito de liberdade, porque a verdade revelada traz liberdade, ao passo que a má teologia escraviza e absorve a vida daqueles que a defendem.

As Escrituras são imutáveis: resistem a todos os ataques; possuem as mesmas características e o mesmo poder em todos os tempos: conservam intactas as mensagens de esperança; nelas se destaca sempre com o mesmo fulgor e com a mesma vibração a luz do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

As experiências nossas e de outrem afirmam que a Bíblia liberta as almas que vivem acorrentadas pela dúvida, dando-lhes a visão dum horizonte sem fim, enquanto que a má teologia embaraça-as e as ofusca num círculo de complicações cada vez menos claras.

Preferível e mais honesto é confessar ignorância em algum ponto obscuro que Deus ainda não quis revelar a forçar uma interpretação capaz de desencadear discórdias e aprisionar

os seus defensores. Deus é mais liberal e age com mais acerto e com mais amor para com seus filhos do que nós uns para com os outros. O falso zelo, a exegese apressada e o dogmatismo teológico formam uma aliança para aprisionar todos quantos não estão na liberdade de Cristo, isto é, na verdade revelada.

Esse trio nefasto tem arruinado igrejas e comunidades ao impor seu jogo de idéias e suposições. Um dos dogmas que a igreja aceita e recomenda é "Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei!" Regras, ordens, interpretações, seja o que for, se ultrapassarem as regras do amor, são jugos que não o de Jesus: são laços que subjugam a alma.

O perigo para a igreja é a conduta de homens que se dizem iluminados pelo saber, que se consideram anjos de luz, mas cujos cérebros estão exacerbados pelas questões e somente vêem no cristianismo um sistema de doutrinas. O cristianismo tem uma missão positiva; é mais que um sistema de doutrinas: é uma dádiva de liberdade e de amor que Deus legou à igreja para fazê-la brilhar entre os homens.

A igreja que tem a revelação de Cristo e conserva os princípios da Palavra de Deus, conhece a verdade, e a verdade a conserva em liberdade: não é escrava da má teologia.

A igreja deve continuar a ser igreja, desempenhando a missão que lhe foi confiada por Cristo, conservando a liberdade espiritual que a graça outorga. A teologia que se contente com o lugar que lhe compete desempenhar, sem se intrometer onde não lhe compete, impondo uma autoridade que só a Bíblia possui; assim poderá viver e ser útil sem criar embaraços e sem fazer prisioneiros.

12
Relatório dos anjos

São muitos e vários os fatos que a Bíblia registra acerca de visitas e missões desempenhadas pelos anjos aqui na Terra. Alguns acontecimentos estão ligados a fatos sumamente agradáveis, outros prendem-se a incidentes tristes e desagradáveis provocados pela conduta dos visitados.

Os anjos são mensageiros de Deus. Abraão conhecia esse fato, de modo que, quando foi visitado pelos anjos, hospedou-os como convém aos servos de Deus.

Sendo os anjos mensageiros de Deus, é lógico que são eles enviados ao povo salvo, e, de forma especial, à igreja, onde se centralizam as atividades espirituais do povo do Senhor.

A missão específica dos anjos que visitam a igreja, pode ter duas faces distintas: trazer da parte de Deus a mensagem da graça e a proteção divina, ou levar ao Céu o relatório do que observam na igreja: o grau de brilho e até onde se projeta a sua luz, bem assim o que constatam nos cultos que a igreja realiza normalmente.

Certamente não podemos antecipar com exatidão o conteúdo dos relatórios que os anjos levam ao Céu, cada vez que são enviados em missão junto à igreja. Entretanto, pode-se fazer uma idéia aproximada de alguns relatórios apresentados pelos anjos. Se interrogássemos um dos mensageiros do Senhor, sobre o que viu nas igrejas dos dias atuais, ficaríamos perplexos ante a descrição duma testemunha veraz, relatando a decadência dos costumes salutares usados na igreja primitiva. Entre outras coisas o anjo diria:

- "Assisti a um culto em que não havia a luz plena do Evangelho; também não vi qualquer manifestação do poder de nosso Deus, talvez porque os homens se tenham esquecido dos tempos dos milagres. Como conseqüência dessa falta, notei ausência do temor de Deus: parecia que em muitos a luz da graça ainda não havia penetrado no coração. Ouvi o coro cantar, porém a harmonia não chegou ao Céu; a razão é clara: cantou sem entusiasmo, sem inspiração; alguns componentes cantaram para mostrar a voz que possuíam, e sua capacidade artística, e essa circunstância desajustou de tal forma o conjunto, que não era possível entender o que cantavam. O coro apenas era ouvido dentro da igreja, mas o canto não exerceu qualquer ação benéfica duradoura nos corações que a ele assistiam, porque não havia o propósito único de louvar a Deus.

"Ouvi pregadores apresentarem sermões diferentes da exposição da Palavra de Deus, que deveria ser vivificada pelo Espírito do Senhor. A preocupação deles era agradar o auditório: esqueceram-se, naquele momento, de que os pregadores do Evangelho são apenas instrumentos de Deus; por isso mesmo, suas palavras eram frias. Deus não podia usá-los, pois eles transformaram-se em donos do púlpito e em senhores da pregação.

"Em dado momento, alguns cantores levantaram-se, viraram-se para os assistentes como se eles fossem a atração e a razão única da reunião. Os cantores, imitando os pregadores, também se esqueceram de Cristo: cantaram como se estivessem exibindo seus dotes artísticos, e não para louvar a Deus. O cântico, a exemplo do que aconteceu com o coro, ficou circunscrito ao templo, não subiu ao Céu nem foi ouvido na Glória; faltava-lhe a inspiração e motivo maior de adoração: cantaram mas não foram ouvidos.

"Assisti também a certas festas de mocidade, mais concorridas que os cultos devocionais e de adoração. O que presenciei foi simplesmente de entristecer: músicas profanas, chocarrices, termos tomados do mundo, humorismo de sargeta, enfim, tudo tal qual usam os mundanos: falta absoluta de espiritualidade e vida de Deus.

"Entretanto, o que reputei muito grave foi o que vi em reuniões extra-oficiais: lutas políticas dentro da igreja, oficiais murmurando contra os pastores, facções opostas em desarmonia, sendo essas as causas de não haver manifestações do poder de Deus, como nos dias antigos.

"Também'vi, e não me esqueci, até onde a acepção de pessoas pode arrastar a Igreja de Cristo, e como lhe rouba o brilho que devia possuir. Vi a recepção ao irmão F., membro

influente na igreja, por motivo de seu aniversário. Foram tantos os elogios de uns e os agradecimentos de outros, que o Espírito Santo entristeceu-se por haverem esquecido o único nome digno de honra e louvor.

"Havia presentes outros membros que também aniversariavam, porém eram pessoas simples, sem prestígio social, por isso ninguém tomou conhecimento do fato: ninguém os cumprimentou.

"Apesar de não ocuparem os primeiros lugares, pois fazem questão de não aparecerem aos olhos dos homens, vi o pequeno exército anônimo que mantém aceso o fogo no altar, isto é, aqueles que se dedicam a oração pela igreja, e os que trabalham e evangelizam nos locais mais humildes alguns deles são quase desconhecidos da massa, mas Deus os conhece.

"São eles os fachos de luz que ainda alumiam a igreja. Se eles faltarem, Deus não tem a quem confiar a missão de luzir, pois os outros se preocupam em mostrar sua capacidade, em lugar de se esconderem para que Cristo resplandeça."

Amigo leitor, é possível que tudo isso e algo mais aconteça na sua igreja e anjos a ela assistam, sem que os homens de tal coisa se apercebam. Quantas e quantas vezes um anjo do Senhor não se afasta da igreja, envergonhado e entristecido por não ser acolhido como um mensageiro de Deus.

Se tal coisa acontecer, a igreja não terá de que se orgulhar, terá somente de lamentar a falta de unção para ver os mensageiros do Senhor. - Estarão essas coisas acontecendo na sua igreja?! Não será uma situação perigosa viver diferentemente da igreja dos dias primitivos? Por que não voltar à simplicidade da fé? Todos nós temos de responder, se não quisermos ver a nossa igreja sem brilho no relatório dos anjos.

13
Tochas Proféticas

A fraqueza da igreja reside na falta de visão para mirar todos os aspectos da obra de Cristo. O que rareia na igreja de nossos dias é o ministério profético, que brilhou no Antigo Testamento, e que foi o ponto alto das mensagens que implantaram avivamentos e conservaram no espírito do povo a esperança da vinda do Messias.

O cristianismo possui o aspecto soteriológico que nenhum cristão deve desconhecer, pois é esse o aspecto essencial da obra de Cristo; esse ponto não é o homem nem a igreja que podem realizá-lo, mas somente Cristo. Ele é o Salvador: aos homens cabe anunciá-lo. Se faltar ao cristianismo a idéia de salvação e a mensagem direta a cada criatura, a obra da Cruz estará prejudicada.

Portanto, fixemos bem essa face da questão, a fim de que ela não venha a prejudicar outros aspectos de caráter profético, que também devem brilhar.

Em quase todos os capítulos deste livro, toda a ênfase tem recaído sobre a soteriologia, a fim de contrabalançar as idéias que correm mundo com o nome de cristãs, pondo de lado o problema fundamental, que é a salvação e apresentando, em seu lugar, o cristianismo social, coisa muito diferente do verdadeiro cristianismo, que é espiritual.

Nada teríamos e nada temos a argumentar contra a igreja que é capaz de enfrentar os problemas sociais, sem, no entanto, prejudicar os problemas espirituais. Se alguma comunidade puder conservar em primeiro plano suas atividades de caráter espiritual, e, ao mesmo tempo, cuidar, com elevação, dos problemas sociais, faça-o. Porém descurar os problemas do Espírito para atender às questões econômicas, significa não crer nestas palavras de Cristo: "Nem só de pão vive o homem".

As obras sociais, educacionais e beneficentes, é claro, são boas, são úteis: representam um papel relevante na sua esfera de ação na sociedade enferma; entretanto elas não podem sobrepor-se aos interesses vitais da igreja, transformando-a numa sociedade humana; não podem substituir a fé, nem ocupar o lugar da esperança. A cultura não é o luminar espiritual da igreja, nem forma tochas proféticas.

Quando afirmamos e insistimos em que a salvação vale mais que todos os conhecimentos filosóficos em que se baseiam aqueles que, no cristianismo, só divisam "o cristianismo-social", é porque a experiência de milhões ensina que a salvação resolve todos os problemas, mas não sabem e não conseguem resolvê-los.

Entretanto, a igreja e os cristãos têm diante de si um campo mais vasto para completar a sua missão de arautos do Senhor. Crentes e igrejas devem ser tochas proféticas, ao mesmo tempo que pregam a mensagem da hora atual.

O aspecto escatológico do cristianismo é um ponto ignorado por uns e abandonado por outros. - Onde estão as mensagens arrebatadoras acerca da segunda vinda de Cristo, mensagens essas tão abundantes na vida e nas atividades da igreja primitiva? Não é um assunto que esteve sempre em evidência nos vários avivamentos, a vinda de Cristo? Por que então silenciar sobre uma verdade que é uma promessa fundamental? Como poderão os cristãos estar informados sobre o grande dia do encontro de Cristo e a Igreja, se não houver vozes proféticas que possam ser usadas por Deus para anunciar esse acontecimento? Como poderão os salvos desejar que. tal acontecimento se realize, se não conhecerem o fausto, a glória e a felicidade que verão e de que participarão, se as tochas proféticas não saírem a proclamá-lo?

A igreja e os cristãos parecem atacados de amnésia: nem a mais leve alusão se faz ao grande acontecimento do Milênio. -Acaso não está o Milênio ligado a Cristo no plano de Deus? Será que as igrejas e os cristãos não esperam que a Palavra de Deus se cumpra em toda a sua plenitude? Dar-se-á o caso que alguém suponha que o Milênio já passou? Se o Milênio é um acontecimento transcendental ligado à obra de redenção, por que não divulgá-lo com o destaque que merece?

A fase positivo-definitiva do término das lutas, atividades, perseguições, testemunho e

perigos da Igreja de Cristo, somente se realizará quando ela se estabelecer na nova Jerusalém, onde habita a justiça, onde os salvos começarão a viver a vida de gozo e louvor a Deus e ao Cordeiro. Não há acontecimento que supere o esplendor e a magnificência que haverá no novo Céu e na nova Terra. O ouro, no país de Beulá, serve, apenas, para calçar as ruas por onde passam os santos e o Rei de toda a Terra: as pérolas mais preciosas adornarão as portas dos muros e dos palácios.

O que será a riqueza incrustada no interior dos magníficos palácios, o que ainda não foi revelado ao mortal, nem a mente humana pode descrevê-lo.

Essas riquezas espirituais estão intimamente relacionadas com a obra de Cristo. -Se pertencem ao povo de Deus, por que não anunciá-las por toda a parte?

A responsabilidade de anunciar verdades e acontecimentos futuros pertence à igreja e aos cristãos; eles é que devem ser as tochas proféticas a projetar o clarão da graça e a reviver as verdades e as promessas que aguardam seu cumprimento.

Às tochas proféticas cabe a missão de despertar os dormentes; as tochas proféticas têm de arder, e, antes que tudo, iluminar os corações com a mensagem de esperança de dias plenos de graça e bem-aventuranças na pátria dos salvos.

A igreja deve ser um Sinai fumegante, ardente, tonitruante e iluminador. A segunda vinda de Cristo, o encontro da Noiva com o Esposo, o Milênio e seu governo, os novos céus e a nova Terra, e a vida perene dos salvos com Deus, são temas fascinantes que a igreja não deve ocultar, que devem ser postos em relevo para conhecimento e benefício dos homens.

Se o mundo continua desconhecendo o aspecto escatológico do cristianismo, é porque as tochas proféticas rarearam ou extinguiram-se nas igrejas, quando a visão dos problemas espirituais foi ofuscada pelo falso brilho da intervenção humana.

A igreja alcançará o esplendor e o respeito de todos, se ela mesma se transformar numa tocha profética, isto é, se anunciar ao mundo todas as verdades constantes da mensagem do cristianismo, tanto as de objetivo imediato como as relacionadas com o futuro. Se a mensagem não for completa, sua vida não terá brilho.